

PPGART
editora

ALFREDO EM PROCESSO;
NICOLAIEWSKY EM QUARENTENA

PPGART
editora

ALFREDO NICOLAIEWSKY
ORGANIZAÇÃO

ALFREDO EM PROCESSO;
NICOLAIEWSKY EM QUARENTENA

TEXTOS

BLANCA BRITES
EDUARDO VERAS
ICLÉIA CATTANI
JOANA BOSAK
KÁTIA POZZER
MARILICE CORONA
MARIZE MALTA
NARA AMÉLIA
PAULA RAMOS
PAULO GOMES
TADEU CHIARELLI

SANTA MARIA
2020

PPGART
editora

© de Alfredo Nicolaiewsky

1ª edição: 2020

Organização: Alfredo Nicolaiewsky

Revisão de texto: Luana Nicolaiewsky

Fotografia: Alfredo Nicolaiewsky

Design gráfico: Sandro Ka

A892 Alfredo em processo; Nicolaiewsky em quarentena [recurso eletrônico] / Alfredo Nicolaiewsky, organização ; textos Blanca Brites, Eduardo Veras, Icléia Cattani, Joana Bosak, Kátia Pozzer, Marilice Corona, Marize Malta, Nara Amélia, Paula Ramos, Paulo Gomes, Tadeu Chiarelli ; [revisão de texto: Luana Nicolaiewsky ; design gráfico: Sandro Ka]. – 1. ed – Santa Maria, RS : Ed. PPGART, 2020.
1 e-book: il.

ISBN 978-65-88403-05-1

1. Pintura – Nicolaiewsky, Alfredo 2. Nicolaiewsky, Alfredo – Pintura 3. Diálogos – Isolamento social – Covid-19 I. Nicolaiewsky, Alfredo II. Brites, Blanca Luz II. Veras, Eduardo Ferreira IV. Cattani, Icléia Maria Borsa V. Figueiredo, Joana Bosak de VI. Pozzer, Kátia Maria Paim VII. Corona, Marilice Villeroy VIII. Malta, Marize IX. Silva, Nara Amélia Melo da X. Ramos, Paula Viviane XI. Gomes, Paulo César Ribeiro XII. Chiarelli, Tadeu XIII. Nicolaiewsky, Luana XIV. Ka, Sandro
CDU 75NICOLAIWSKY

869.0(81)-83

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte CRB-10/990
Biblioteca Central - UFSM

Todos os direitos desta edição estão reservados à Editora PPGART.

Av. Roraima 1000. Centro de Artes e Letras, sala 1324. Bairro Camobi. Santa Maria/RS - Telefones: 3220-9484 e 3220-8427
E-mail: editorappgart@ufsm.br e seceditorappgart@gmail.com
<http://coral.ufsm.br/editorappgart/>

Acabou a espera

Nara Amelia

No dia 26/07 Alfredo postou uma imagem de um novo processo e avisou: "*Pra não acharem que parei. Começando a pensar no novo. Começando...*". No dia seguinte, postou um registro do andamento do processo e o descreveu: "*Estudando possibilidades*". Nesta nova composição, havia um recorte de papelão no qual li a inscrição feita à mão: "*acabou a espera :)*". Este registro me fez reler o conto "A espera", de Jorge Luis Borges. Anotei alguns trechos que hoje retomo para escrever este depoimento:

"O homem pensou que aquelas coisas (agora arbitrárias e casuais e em qualquer ordem, como as que se vêem nos sonhos) seriam com o tempo, se Deus quisesse, invariáveis, necessárias e familiares".

"Julgou intuir, obscuramente, que o passado é a substância de que é feito o tempo; por isso é que este se torna passado imediatamente".

Estes fragmentos trazem algumas ideias para orientar a minha leitura (consciente do caráter especular da leitura de imagens) de alguns aspectos do processo e do trabalho do Alfredo. O primeiro fragmento parece aludir metaforicamente ao processo criativo no que ele tem de projeção, desejo ou desígnio do artista de propor sentidos através de uma determinada *ordem*, da organização de materiais, ideias, recursos significantes que ele percebe no seu entorno, no mundo material e no dos sonhos. O artista se apropria desses recursos (em sua aparente arbitrariedade) e os reordena em uma composição formal e simbólica, tornando-os particulares, necessários, *familiares*.

Uma caixa de papelão traz uma mensagem sorridente: "*acabou a espera! :)*" - uma promessa de felicidade está encerrada nesse objeto tão ordinário e onipresente. O papelão tem sido, se não me engano desde a *pop art*, um objeto/suporte de expressivo valor simbólico, uma espécie de relíquia da cultura do consumo, da obsolescência programada, da superficialidade e fragilidade das ideias de felicidade e satisfação, da nossa efemeridade, do lixo no qual estamos transformando nosso mundo, etc.

No entanto, há um desígnio de *esperança* na apropriação dessa sucata (um termo usado pelo artista) como suporte para uma pintura elaborada a partir de um desenho cuidadosamente projetado, sofisticado em

seus meios técnicos e formais e muito expressivo em suas cores. Um desenho que se manifesta desde o suporte que não se submete facilmente ao apagamento das suas marcas e da sua natureza e que, no entanto, está em harmonia com as linhas do desenho e com a pintura. A tinta é adicionada em camadas diluídas dentro dos limites do desenho geométrico — um pensamento gráfico.

Por outro lado, há algo de melancólico na apropriação, quando se trata de um material ou processo que não cessa de trazer à tona sua origem, seus usos e sentidos subordinados à ordem do descarte, o seu *passado*. Por que o artista escolheria um material tão barato (um bom motivo), modesto, de simbologia tão reconhecida? Não me parece ser sua intenção elevar o objeto banal a um outro patamar da hierarquia dos objetos culturais, ao patamar de objeto de “alta cultura”. Parece-me, antes, que o trabalho quer reafirmar a *possibilidade* de nos encantarmos com o potencial de sensibilização das coisas da vida comum transformadas pelo trabalho manual e estetizante (como também numa poética do artesanato), e com a complexidade do processo criativo, de pensar no novo.

Também não deixa de ser irônico um pensamento sobre o *novo* a partir do habitual — além da ironia característica das referências à *pop art*, da justaposição do popular e erudito, do conflito entre os pressupostos de durabilidade e permanência tradicionais da

pintura e a fragilidade e impermanência material e simbólica do papelão. Há uma tensão coerente que se estabelece entre o material industrial e rudimentar e as formas e cores cuidadosamente pensadas e feitas à mão, e que adicionam camadas de sensações e de beleza — os próprios padrões de estampas evocam a reprodução, o decorativo, a beleza que pode ser consumida, a toalha de mesa floral do atelier do artista, as pequenas felicidades do dia-a-dia.

O conto de Borges é sobre um homem em isolamento para sobreviver. Em função do passado ele assume uma nova identidade e passa a perceber o cotidiano a partir de um espaço e tempo limitados, sonhando um “sonho de fundo igual e pormenores variáveis”, sustentando uma “vaga esperança”. Alfredo compartilha conosco um processo que se desenvolve no espaço/tempo do isolamento. O artista retoma meios e símbolos que já conhece; em processos passados já havia ressignificado esse material de função discreta e aparência monótona, sobrepondo a ele um universo variável e luminoso.

Por isso, reitero o sentido da espera, da esperança, deste processo. O lixo é transformado em espaço de exploração do sensível pelo artista, movido (talvez) por um desígnio de metamorfosear o banal em algo precioso, de olhar para o cotidiano e compor com ele algum sentido, de *estudar possibilidades* de futuros para um mundo de

coisas que se tornam passado imediatamente. Neste sentido, o trabalho parece falar sobre querer perdurar, não ter fim. Sobre esperança, ironia, utopia. Voltamos os olhos para o sonho, para não ver o real, mas não podemos esquecer do que já vimos, a fragilidade estrutural sob a aparência das coisas mais belas.

Porto Alegre, setembro de 2020